

A ORIGEM DO HOMEM OU DA MULHER ?

Ana Rita Pereira **ALVES**
Antropóloga, professora
adjunto atuando junto ao
Departamento de Morfolo-
gia e Departamento de His-
tória e Antropologia da
UFPA.

Ao se traduzir a palavra Antropologia temos que ANTHROPO significa Homem e LOGIA estudo. Ao nos referirmos à ciência Antropologia a definimos como "a ciência que estuda o Homem".

Existem duas divisões básicas da Antropologia. De um lado a Antropologia Física e de outro a Antropologia Cultural. A primeira dedica-se ao estudo da evolução humana e a segunda ao estudo da cultura e so-
ciedades humanas.

Colocado deste modo, nenhum fato estranho existe entre estes ramos da Antropologia. Portanto, a Antropologia inicia sua investigação tentando explicar a origem do ser humano. Prossegue esta ciência tentando explicar as peculiaridades e diversidades de cada cultura humana.

Os estudos antropológicos realizados desta maneira apresentariam uma estrutura lógica de um sistema social ou seja, realizariam estudos das sociedades humanas tendo como objeto de estudo destas sociedades o homem e a mulher.

Ocorre que não é este o caminho que vem sendo trilhado pela Antropologia Física e Cultural. Os estu-

* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Reconstituindo a História da mulher" durante o Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, em 13.05.86, em Belém-Pará.

dos de ambas utilizam a categoria Homem como universal, como ator maior não reservando à mulher, muitas vezes, nem a simples condição de co-autora da história humana.

O que nos parece é que a fêmea é colocada como ser secundário na formação da sociedade, sempre a mercê dos desígnios dos homens. Mais relevante talvez seria perguntar-se como foi que este pressuposto de uma inferioridade feminina impregnou de tal forma a ciência da humanidade a ponto de designá-la como a "ciência do Homem", colocando seus pesquisadores predispostos a aceitarem tal impregnação, sem questioná-la, sem ao menos advertir-se de sua existência. Uma das explicações para este fato é que os construtores da ciência são seres humanos, chamados de "homens de ciência" (MOTA, 1980, p. 33) e que por sua vez encontram-se envolvidos em todos os níveis (político, econômico e social) da sociedade, reproduzindo na construção da ciência todos seus valores. Fica portanto difícil se conceber a neutralidade de uma ciência. A Antropologia não foge à regra.

Pelo fato de lecionar Antropologia Física passei a me deparar diariamente com questionamentos referente ao espaço existente para a mulher na história evolutiva humana. Percebendo que a mulher não teria este espaço, resolvi levantar um pouco da história evolutiva humana a partir de posicionamentos de antropólogos físicos, biólogos e geneticistas que estudaram e estudam a evolução humana. Penso que este estudo é uma tentativa de descobrir porque até hoje essa subjugação feminina pela Antropologia tem passado despercebida tanto a homens como para a maioria de mulheres antropólogas.

A classificação zoológica do ser humano foi proposta por Lineu, em 1735. A designação científica encontrada por Lineu, para o ser humano, foi do gênero Homo (traduzindo literalmente significa Homem) e

espécie sapiens (sábio). Como podemos constatar é um termo ambíguo, posto que se refere não só à espécie como também ao macho da espécie. Este fato por mais natural que possa parecer aos olhos de qualquer pessoa deixa transparecer que em lugar de uma referência à humanidade, sempre a ciência e nossos (as) cientistas se referem ao macho da espécie com uma conotação de força muito significativa.

A humanidade chegou ao conhecimento do seu lugar ao mundo através de duas das mais importantes revoluções intelectuais. A primeira, ocorreu há mais de 400 anos, quando o matemático polonês Nicolau Copérnico destruiu a concepção de que a Terra era o centro do Universo. A segunda, começou a surgir quando em meados do século XIX, o naturalista inglês, Charles Darwin mostrou que a espécie humana era parte da Natureza e não dela separada.

Todo estudo da evolução humana obrigatoriamente toma por base os pressupostos estabelecidos pela teoria Darwinista. Sua teoria consistia basicamente em colocar o Homem (e não Homem e Mulher) como dependente do meio ambiente e que este ao se defrontar com mudanças ambientais teria oportunidade de sobreviver desde que lutasse para tal (competição) e conseguisse se readaptar ao novo padrão ambiental existente. Assim o meio ambiente de modo natural iria selecionando sua população e aqueles indivíduos que tivessem conseguido esta adaptação e sobrevivido eram mais aptos em relação aos desaparecidos. Estava então implícita a idéia central de sua teoria: luta pela vida, seleção natural e sobrevivência dos mais aptos.

A teoria Darwinista explicava portanto o fato de uma população se reproduzir intensamente mas somente poucos espécimes da mesma população conseguirem sobreviver. Ao mesmo tempo, explicava como estes sobreviventes, de acordo com o meio ambiente onde habitavam, iam variando entre representantes de sua mesma

espécie.

Darwin realizou também estudos com fósseis e por analogia chegou a conclusão que o Homem¹ apresentava notáveis semelhanças morfológicas com os macacos (e não macacas) notadamente com os grandes símios ou antropóides².

A partir dos estudos de Darwin ficou-nos a idéia: O Homem veio do macaco, ou o Homem é parente do macaco (nunca da macaca). Darwin tendo conhecimento que em evolução orgânica um ser vivo é sempre produto de outro ser, "propôs a idéia da descendência comum: todos os mamíferos, por exemplo, partilhariam de um ancestral comum, assim como todos os répteis, todos os pássaros, todos os insetos, etc. Darwin chegou mesmo a conjecturar que toda a vida, incluindo plantas e animais, podia, em última instância, ter surgido de um ancestral comum". (LEAKEY, 1980, p. 26). Darwin buscava o ancestral do Homem moderno (e não a ancestral) e acabou concluindo que nosso ancestral deveria (já pelas analogias referidas) ser um macaco antropóide.

Dessa forma, é do macho, que tudo se origina, principalmente a vida.

Ao mesmo tempo em que Darwin, na Inglaterra, colocava toda uma polêmica em torno da discussão dos primeiros seres humanos uma série de pesquisadores ca-

1 Sempre que aparecer o termo Homem, neste trabalho, é porque os autores referidos usam somente este termo genérico, sem nenhuma referência à Mulher.

2 Os hominóides estão subdivididos em três famílias, símios menores ou Hylobatidae (gibões e siamangas), os grandes símios ou Pongidae (gorila, chimpanzé e orangotango) e os Hominidae. (PILBEAM, 1977, p. 39).

çadores de fósseis³, começaram a se lançar para áreas na África, Indonésia-Java, Ásia entre outras, em busca de fósseis que pudessem contribuir para um melhor entendimento da origem da humanidade.

Vários achados fósseis têm registro no início do século XIX e aí começam as discussões científicas no sentido identificar o material descoberto como sendo realmente humano ou de outros primatas extintos.

Com o aprimoramento dos estudos no campo da Anatomia, da Primatologia, Arqueologia e ainda pela descoberta de novas técnicas de datação fossilífera, não só pela química, física como também pela engenharia genética, foi possível a partir de 1950 estabelecer-se certos padrões físico-culturais de populações hominídeas que viveram na Terra desde o período Plioceno ou seja há mais ou menos 3 milhões de anos atrás.

Dessa forma, antropólogos (as) escolheram por classificar as populações fósseis descobertas, através de "estágios evolutivos" ou seja período na vida do ser humano onde os traços físicos são semelhantes e a cultura apresenta material de comparação muito próximo entre populações geograficamente afastadas.

Partindo-se dessa classificação em estágios a Antropologia Física detectou três estágios evolutivos humanos. O primeiro denominado de Australopithecus (macaco do sul), o segundo Homo erectus (Homem que caminha ereto) e o terceiro Homo sapiens (Homem sábio).

Cada um desses estágios é subdividido em li-

3 Estes primeiros pesquisadores eram do sexo masculino. A primeira antropóloga física a se destacar na busca de fósseis é Mary Leakey, que participou junto com seu marido e também antropólogo físico, Louis Leakey, em várias expedições de buscas fossilíferas no leste da África entre 1924 e 1970.

nhas ou seja em populações, que no total apresentam características comuns mas diferem em alguns aspectos: altura, volume dos ossos ou outra diferença anatômica qualquer.

Seja através do conjunto do material fóssil de cada estágio, seja através dos fósseis individuais (linhas) quase 100% deste material fóssil, fragmentário descoberto é apresentado por antropólogos(as) físicos, e outros(as) estudiosos(as) da área como fósseis de homens. Para exemplificar lembro o *Australopithecus africanus* (macaco do sul da África); *Homo erectus* de Pequim (Homem de Pequim), *Homo erectus* de Java (Homem de Java); *Homo sapiens* de Neandertal (Homem sábio de Neandertal). Dentre uma variedade de fósseis descobertos poucos receberam um nome feminino, como é o caso de "Lucy" descoberto por Johanson em 1979 na África e que hoje é classificado pelo próprio descobridor como *Australopithecus afarensis*. O nome Lucy não lhe foi atribuído para relacioná-lo com o sexo feminino mas somente porque na ocasião da descoberta estava sendo tocada num gravador de fita, no acampamento dos pesquisadores a música Lucy dos Beatles (LEAKEY, 1979, p. 91).

É interessante lembrar que as descrições físicas dessas populações fósseis nos induzem a imaginá-los como sendo representantes do sexo masculino pois são descritos como "fortes, musculosos, corpo coberto de pelos e tenazes caçadores". Em quase todas as gravuras (NESTURKH, 1972, p. 25, 102) que pesquisadores da Antropologia ou artistas plásticos fazem dos fósseis, estejam despidos ou usando vestuário rústico, os modelos são sempre "manequins" do sexo masculino.

É interessante também frisar que as descrições de cultura material, que são baseadas nos objetos e/ou artefatos encontrados junto aos fósseis, nos sítios arqueológicos, mostram o homem caçando, matan-

do animais, mantendo o fogo, lascando pedra sempre chamando atenção para o desenvolvimento de atividades que colocam o Homem como valente, aguerrido e lutador.

A mulher fica na história da evolução, narrada pela Antropologia Física, em plano inferior o que leva qualquer leitor atento à figura feminina a se perguntar qual o momento do surgimento da mulher no planeta Terra.

Pela literatura científica nós só vamos de fato descobrir a presença da mulher na fase do sedentarismo (lembre-se que o ser humano passou mais de 3 milhões de anos como caçador-coletor e obviamente nômade) ou seja há mais ou menos 20.000 anos atrás, ficando o espaço anterior 2.980.000 a.a o Homem desfrutando sozinho as delícias de nosso planeta. Não sendo este um fato real, é pelo menos o que se apresenta na história do surgimento do ser humano.

Apesar de toda seriedade com que a Antropologia Física trata o problema da origem da espécie humana é interessante o descaso (consciente ou não) de seus(as) estudiosos(as) por essa figura singular A MULHER.

Um outro ponto a destacar é que a quase totalidade dos antropólogos físicos buscam a origem humana, não através de explicações religiosas, mas quase sempre através de transformação de seres menos evoluídos até se chegar aos mais evoluídos. Com o desinteresse em apresentar a Mulher neste processo evolutivo, eu me pergunto: Não estarão os(as) antropólogos(as) concordando com aquela célebre frase bíblica: "A Eva veio da costela de Adão?" É a lógica que encontro para a não presença da Mulher na história evolutiva da espécie humana.

Com isto os(as) estudiosos(as) e cientistas mais ligados a explicações materialistas da origem

da vida, mesmo que não propositalmente, deixam ao leitor a impressão de que em um dado momento da história, quando os homens já haviam caminhado bastante, trabalhado arduamente, inventado ferramentas, tiveram a feliz ou infeliz idéia de "gerarem" a mulher. Quero crer que a verdadeira história não tenha sido por este caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEAKEY, Richard E. A. Evolução da humanidade. São Paulo, Melhoramentos, Brasília, UNB, 1981.
- LEAKEY, Richard E. A. & LEWIN, Roger. Origens. São Paulo, Melhoramentos, Brasília, UNB, 1980.
- MOTA, Clarice Novaes da. Por uma antropologia da mulher; encontros com a civilização brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- NESTURKH, Mikhail. A origem do homem. Lisboa, Estampa, 1973 v. 3
- PILBEAM, David. A Ascendência do homem; uma introdução à evolução humana. São Paulo, Melhoramentos, USP, 1977.

TRABALHO ESCRAVO E TRABALHO FEMININO NO PARÁ

Rosa Elizabeth ACEVEDO MARIN
Historiadora, Socióloga, professora adjunto atuando junto ao Departamento de Ciências Sócio-Políticas e Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA.

O tratamento histórico da escravidão no Pará, com ênfase nas especificidades do trabalho feminino, resulta extremamente difícil. A começar pela escassez e dispersão das informações, que tornam necessário juntar citações esparsas na documentação para visualizar na sua totalidade o processo de inserção da mulher escrava nas relações sociais dominantes.

Só muito recentemente que a pesquisa histórica passou a descortinar novos campos de estudo da sociedade brasileira nos seus ângulos menos rebatidos, na perspectiva da organização escravista e da presença da mulher na economia escravista. Exemplo notável dessa nova investigação é o trabalho recentemente publicado por Silva Dias,¹ onde a autora põe a descoberto os "papeis históricos de mulheres das classes oprimidas, livres, escravas e forras", um estudo que acompanha o processo de "urbanização incipiente da cidade de São Paulo, entre fins do século XVIII e as véspe-

* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Reconstituindo a História da Mulher" durante o seminário sobre a Mulher - Região Norte/Brasil, em 13.05.86, em Belém - Pará.

¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX - Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo, Brasiliense, 1984.